



Ciência & Saúde Coletiva

ISSN: 1413-8123

cecilia@claves.fiocruz.br

Associação Brasileira de Pós-Graduação em
Saúde Coletiva
Brasil

Loyola, Maria Andréa
Representações sociais e saúde
Ciência & Saúde Coletiva, vol. 18, núm. 8, agosto, 2013, pp. 2176-2177
Associação Brasileira de Pós-Graduação em Saúde Coletiva
Rio de Janeiro, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=63027994001>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Representações sociais e saúde

Numa sociedade altamente medicalizada como a nossa, as *representações sociais* referentes ao binômio saúde/doença, ainda que permaneçam ligadas às noções de ordem e desordem, são cada vez mais impregnadas pelas definições científicas e biomédicas que acabam por influenciar as condutas tidas como corretas e incorretas, saudáveis ou doentias. Ademais, elas transcendem largamente o domínio da saúde tendo enorme importância nas atitudes, comportamentos e escolhas dos indivíduos modernos, em diferentes domínios: religioso, escolar, alimentar, corporal, relacional, moral, simbólicos em geral. Compreender estas atitudes e comportamentos, se não quisermos tomar o efeito pela causa, implica conhecer as representações que os indivíduos possuem dos objetos e fins aos quais almejam atingir. Aí reside toda a dificuldade de definir e limitar o conceito de representação social, cuja abrangência e complexidade advêm justamente do fato de situar-se na fronteira entre o psicológico e o social, o indivíduo e a sociedade e de exigir continuamente a explicitação da relação entre esses dois níveis. De fato, o conceito de “representação social” nasceu associado ao de “consciência coletiva” do sociólogo francês Émile Durkheim. Para ele os fenômenos sociais não podem ser explicados apenas pelas representações do indivíduo, pois ele não pode inventar sozinho uma língua, uma religião ou qualquer outro pensamento socialmente compartilhado e que, portanto, as dimensões individuais e sociais do comportamento humano são inseparáveis. Entretanto, historicamente, a psicologia acabou tomando para si o estudo do indivíduo e das representações individuais, considerando-os de modo autônomo. Somente na década de 1970, autores como Moscovici vão restituir às representações individuais o seu contexto social, definindo-as como uma modalidade particular de conhecimento que elabora comportamentos e tece a comunicação entre os indivíduos. As representações voltam a ser consideradas como fenômenos sociais que devem ser entendidos a partir de seu contexto de produção, de suas funções simbólicas e ideológicas e das formas de comunicação por onde circulam. A partir da contribuição desta escola, o conceito de representação social foi definitivamente incorporado à Psicologia, tornando-se ferramenta importante também para a Sociologia, não obstante as numerosas críticas a este conceito advindas deste campo. Além da crítica dirigida a seu caráter extremamente geral e pouco mensurável o grande perigo que os sociólogos atribuem ao emprego das representações sociais é o de levar ao ressurgimento de uma “sociologia espontânea”, onde o discurso do sujeito forma a base da análise; “risco” que deve ser sempre avaliado nos estudos em Saúde Coletiva. A descrição das atitudes, opiniões e aspirações individuais não nos fornecem o princípio explicativo do funcionamento de uma organização; é a apreensão da lógica objetiva da organização que conduz ao princípio capaz de explicar, por acréscimo, as atitudes, as opiniões e as aspirações. Em certa medida, e quando devidamente contextualizada, a noção de “habitus” de Bourdieu não se afasta da de representação social. Ambas funcionam tanto como ponto de partida, quanto ponto de chegada, ou seja, como esquemas de percepção, de apreciação e de ação, como um conjunto de conhecimentos práticos (inconscientes) adquiridos ao longo do tempo que nos permitem perceber, agir e evoluir com naturalidade num universo social dado. Paralelamente a descrição de determinadas condutas, os estudos de representação social devem, sobretudo, colocar em evidência o código a partir do qual se elaboram as significações ligadas a essas condutas. Numa sociedade onde os fenômenos biológicos funcionam como suportes fundamentais de sentido de nossas relações com o social o estudo das representações sociais na área da saúde permanece particularmente relevante.

Maria Andréa Loyola

Instituto de Medicina Social, UERJ

Social representations and health

In a highly “medicalized” society such as ours, the social representations concerning the health/illness binomial, even though they remain linked to notions of order and disorder are increasingly permeated by scientific and biomedical definitions that ultimately influence behavior that is considered either correct and incorrect, healthy or unhealthy. Moreover, they transcend well beyond the field of health having huge importance on the attitudes, behaviors and choices of modern individuals in different domains, namely religion, school, food, the body and moral and symbolic relations in general. Understanding these attitudes and behaviors, if we do not wish to mistake the cause for the effect, implies knowledge of the representations that individuals have for the objects and purposes to which they aspire to achieve. Therein lies the whole difficulty of defining and limiting the concept of social representation, whose scope and complexity arise precisely from the fact that they lie at the borderline between the psychological and the social, the individual and society and continuously demand the explicit definition of the relationship between these two levels. In fact, the concept of “social representation” arose in association with the “collective consciousness” of the French sociologist Durkheim. For him social phenomena cannot be explained solely by the representations of the individual, for the individual alone cannot invent a language, a religion, or any other socially shared thought and the individual and social dimensions of human behavior are therefore inseparable. However, historically, psychology assumed the study of the individual and individual representations, considering them both in an autonomous manner. It was only in the 1970s that authors such as Moscovici restored individual representations in their social context defining them as a particular form of knowledge that elaborates behavior patterns and establishes communication between individuals. The representations are again regarded as social phenomena that must be understood from the context of their production, from their ideological and symbolic functions and the forms of communication in which they circulate. Based on the contribution from this school, the concept of social representation was definitively incorporated into Psychology, also becoming an important tool for Sociology, despite the numerous criticisms of this concept arising in this field. In addition to the criticism directed at its extremely general and hard-to-assess character, the major danger that sociologists attribute to the use of social representations is to lead to the resurgence of a “spontaneous sociology,” in which the discourse of the subject constitutes the basis of the analysis, namely a “risk” that should always be assessed in studies in Public Health. The description of the individual attitudes, opinions and aspirations do not provide us with the explanatory principle of the functioning of an organization. It is the comprehension of the objective logic of the organization that leads to the principle capable of explaining, by extension, the attitudes, opinions and aspirations. To a certain extent, and when properly contextualized, the notion of “habitus” of Bourdieu does not deviate from social representation. They both work well as a starting point and as a finishing point, in other words as forms of perception, appreciation and action, as a combination of (unconscious) practical knowledge acquired over time that enables us to perceive, act and evolve naturally in a given social universe. In tandem with the description of given behavior, the studies of social representation should predominantly highlight the code based upon which the significances connected to these behavior patterns are elaborated. In a society in which biological phenomena act as fundamental supports for the significance of our relationships with the social aspect, the study of social representations in the area of health care continues to be particularly relevant.

Maria Andréa Loyola
Instituto de Medicina Social, UERJ

